

✦ Elementos decadentistas em o estranho caso de Dr Jekyll e Mr Hyde

Prof. M. A. Alexander Meireles da Silva

Introdução e proposta

A supremacia do pensamento racionalista por detrás das transformações fomentadas pela Revolução Industrial, pelas descobertas científicas e pela expansão Imperialista levou a Europa da metade do século XIX a ser palco de uma série de profundas mudanças que afetaram todas as esferas de expressão da existência humana, dentre elas a Literatura.

Colocando-se como uma comentadora do modelo ideológico vigente, a literatura realista-naturalista parnasiana respondia ao sistema dominante através de uma narrativa marcada pela crítica social das mazelas provocadas pelo desenvolvimento da sociedade industrializada e pelo carregado vocabulário cientificista oriundo da biologia e outras ciências (SILVA, 2005, p.235). É importante lembrar que foi neste período que a literatura de Ficção Científica nasceu a partir da vertente romanesca conhecida como Romance Científico (Inglaterra) e Viagens Extraordinárias (França). Em suas histórias os triunfos do progresso e da tecnologia eram divulgados e celebrados junto a uma classe média sedenta pelas descobertas e teorias de seu tempo.

Todavia, esta visão utilitarista da arte não se constituiu a única expressão da literatura europeia de então. Tendo estado na proa das mudanças de seu tempo por ter sido o berço da Revolução Industrial e ter liderado tanto as descobertas científicas quanto à expansão Imperialista da época, a Inglaterra das últimas décadas do século XIX foi o cenário para a reação mais contundente a influência da ideologia dominante sobre a arte através da revitalização de expressões literárias pautadas pela presença excessiva da imaginação romanesca tais como a Literatura Infantil (Lewis Carroll, Oscar Wilde), Gótica (Robert Louis Stevenson, Bram Stoker), e Decadentista (Dante Gabriel Rossetti, Algernon Charles Swinburne) (ibidem). Dessas três formas, o Decadentismo foi a que mais tardiamente se manifestou na cena literária Vitoriana chegando à Inglaterra via França por intermédio da influência do poeta francês Baudelaire sobre artistas como Swinburne. No entanto, foi na obra de Oscar Wilde e mais especificamente em seu único romance *O retrato de Dorian Gray* (1891) que a literatura Decadentista alcançaria a sua expressão maior no cenário da literatura inglesa.

Considerado ousado e moderno quando foi publicado em 1891 pelo retrato da decadência fin de siècle da época, *O retrato de Dorian Gray* se alicerça sobre tradicionais estratégias narrativas da literatura Gótica para contar a história de Dorian Gray, um belo rapaz que vende a alma para manter a sua beleza e juventude intocadas pelo tempo em uma versão atualizada da lenda de Fausto. O livro enfatiza a tensão entre a polida superfície da vida social e a vida imersa no vício. Ainda que todas as transgressões sejam punidas no fim com a morte do protagonista, permitindo assim uma inevitável (e indesejável) leitura moralista da história admitida pelo próprio Wilde e considerada por ele o único erro do livro (LAVIER, 1961, p. 26), *O retrato de Dorian Gray* apresentou um retrato tão sedutor da perversidade de seu protagonista que muitos críticos consideraram o livro como algo corruptor, tendo sido usado inclusive como elemento de acusação do desvio moral de Wilde no processo no qual ele foi condenado (SILVA, 2005, p. 256). Uma sedutora perversidade que encontra suas origens no Decadentismo francês.

O termo "Decadência" descreve um período da arte ou da literatura que, comparado com a excelência de uma era anterior, está em declínio (CUDDON, 1992, p. 220). Ainda que o termo já tivesse sido usado para descrever o fim dos períodos Alexandrino (300-30 a.C.) e do Imperador Romano Augusto (14 a.D.), ele se consagrou nos tempos modernos na França para designar o movimento simbolista de meados e fim do século XIX. O movimento enfatizava a autonomia da arte, a necessidade pelo sensacionalismo, melodrama, egocentrismo, bizarro, artificial e pela posição autônoma do artista em relação à sociedade, particularmente a classe média burguesa.

Em termos estritamente literários a noção de Decadência apareceu pela primeira vez na França em 1834 no estudo do crítico Desiré Nisard no qual eram analisadas as semelhanças da poesia latina com a literatura romântica (LEVIN, 1996, p. 32). Mas foi com a coletânea de poemas *Les Fleurs du mal* (1857) do poeta Baudelaire que a literatura Decadentista encontrou o seu manifesto ganhando força pela sua influência sobre os artistas contrários ao status quo. Em 1884 o Decadentismo chega a prosa com a publicação de *À rebours*, considerado pelo crítico Arthur Symons como o “breviário” do movimento. Nele, as idéias decadentistas ganham corpo no protagonista Des Esseintes, exemplificando a figura decadente que é consumida pela *maladie fin de siècle*. Ele devota sua energia, fortuna e inteligência a substituição do natural pelo não-natural e o artificial. Sua existência se resume a busca por sensações novas e bizarras.

Ainda que não haja registros que mostrem a extensão do contato de Oscar Wilde com os artistas decadentistas franceses, as freqüentes visitas que o jovem escritor inglês fazia a capital francesa no período da publicação de *À rebours* não deixam dúvidas quanto ao fato de que ele conheceu o romance de Huysmans e identificou no herói Des Esseintes a encarnação de suas próprias idéias, idéias estas que viriam a ser desenvolvidas em seu espelho literário Dorian Gray coroando dessa forma a presença do Decadentismo na prosa inglesa de fins do século XIX.

Mas e antes de *O retrato de Dorian Gray*? O Decadentismo já havia se manifestado na prosa vitoriana? A fim de discutir estas questões este trabalho pretende demonstrar como a novela *O estranho caso de Dr Jekyll e Mr Hyde* (1886), do escritor escocês Robert Louis Stevenson apresenta no tema da transgressão do personagem Dr Henry Jekyll / Mr Hyde elementos semelhantes aos tratados pela literatura Decadentista francesa, antecipando assim as questões tratadas no romance de Oscar Wilde.

Desenvolvimento

O estranho caso de Dr Jekyll e Mr Hyde narra as razões do gradual definimento do respeitado Dr Jekyll e do execrável comportamento de Mr Hyde, misteriosamente ligado a Jekyll, essa história é revelada aos leitores através de uma série de diferentes pontos de vista representados por Mr Utterson (advogado de Jekyll), Mr Enfield (primo distante do advogado), Dr Lanyon (amigo de juventude tanto de Jekyll quanto de Utterson) e Poole, (mordomo de Jekyll).

O renomado Dr Henry Jekyll quer separar os aspectos benéficos e maléficos da natureza humana. Por meio de uma droga desenvolvida secretamente por ele em seu laboratório, ele consegue liberar seu lado mal incorporado na forma de Mr Hyde.

Inicialmente Jekyll tem facilidade de reverter o processo assumindo novamente a figura e a personalidade do cientista, mas lentamente isso vai se tornando cada vez mais difícil até que ele passe involuntariamente a assumir a forma de Hyde. Eventualmente seu suprimento da droga acaba e ele é incapaz de reduplicar a fórmula. A situação se agrava com o assassinato de Sir Carew Danvers por Hyde e Jekyll não vê saída senão o suicídio. O corpo descoberto no laboratório por Utterson e Poole é o de Hyde, mas a confissão deixada por Jekyll revela que os dois homens eram versões da mesma pessoa.

Considerado como uma variação do mito do *Doppelgänger* (GONZÁLEZ, 1998, p. 264), uma releitura da lenda de Fausto (STODDART, 1998, pp. 44-45) ou um estudo pré-Freudiano do ego e da libido (BELLEI, 2000, pp. 37-38), dentre várias outras leituras, *Dr Jekyll e Mr Hyde* despertou comentários variados desde a sua primeira publicação em 1886. Mas além da história o que também chamou a atenção do público leitor inglês foi o escritor por trás dela, alguém que até aquele momento era conhecido apenas como o autor de versos e histórias infantis e relatos de viagens: Robert Louis Stevenson.

Filho de uma respeitada família escocesa cujo pai era o engenheiro chefe responsável pela execução de importantes obras de sua cidade, Robert Louis Stevenson nasceu em 13 de novembro de 1850 na capital Edinburgh. O pai abrandava o rigor da profissão e a austeridades dos princípios Calvinistas com uma vida de família alegre e dinâmica. Desposara uma mulher de origem francesa, Margarida Balfour, e

gostava de viajar. Robert Louis herdou do pai o amor ao turismo, e da mãe, como diria posteriormente, o “espírito francês” (SGARBOSSA, 2004, p. 115) dois fortes elementos presentes em sua obra.

De sua mãe infelizmente Stevenson herdaria também a saúde fraca atingida pela tuberculose. O pequeno Robert Louis Stevenson começou a manifestar os primeiros sintomas da enfermidade desde os seus primeiros anos, marcando uma vida assombrada pelo espectro da morte. Esta condição, porém teria papel decisivo no desenvolvimento do talento artístico, pois se por um lado a doença o levou a ter uma vida social reclusa, tendo de receber instrução particular, por outro ela lhe proporcionou longas estadias no interior de localidades escocesas e inglesas a fim de tratar da saúde. Lá ele entrou em contato com a vida e as tradições populares da velha Escócia, mescladas de poesia e superstição, de sabedoria e fanatismo.

A entrada na Universidade de Edinburgh em 1867 foi fator decisivo para a escolha pela escrita. Inicialmente estudando Engenharia a desejo do pai, Stevenson acabou se decidindo pelo Direito, vindo a se formar em 1875. Mas o que realmente atraía o jovem estudante de Direito na época da universidade era a companhia dos estudantes de medicina e a vida boêmia nas velhas ruas da capital escocesa: “Não desejem que eu morra como um cão, sem ter visto e experimentado tudo o que há para conhecer!” (ibidem, p. 116), gritou certa vez protestando contra suas limitações físicas.

Ao término da faculdade Robert Louis Stevenson começou a se dedicar em tempo integral a sua paixão pela escrita. Deste período datam várias narrativas de viagens pela Europa que se não lhe trouxeram dinheiro pelos menos lhe deram certa notoriedade. Após viajar pela Suíça, França e Estados Unidos (onde se casou), o escritor retornou a Escócia para novamente se recompor da doença. Foi em sua terra natal que ele desenvolveu o que o crítico Jerrold E. Hogle definiu como “o período Gótico” (HOGLE, 1998, p. 220) de sua criação quando ele desenvolveu entre os anos de 1881 e 1886 as histórias “Janet de pescoço torcido”, “Markheim”, “Olalla”, “O ladrão de corpos” e Dr Jekyll e Mr Hyde, histórias estas nas quais se pode ver de forma mais direta a influência das leituras de juventude como Samuel Taylor Coleridge, Edgar Allan Poe e Herman Melville mescladas com a forte tradição folclórica escocesa e o legado Calvinista. Neste ponto não se pode deixar de notar a coincidência de datas entre este “período Gótico” de Stevenson e o desenvolvimento da literatura Decadentista, o que pode indicar um possível contato do escritor com as idéias dos artistas Decadentes da França quando este esteve no país em várias oportunidades entre os anos de 1864 e 1883.

A história da criação de Dr Jekyll e Mr Hyde, composta nesta mesma época, é quase tão famosa quanto a própria novela. Após uma série de pesadelos que se repetiam a cada noite Stevenson acordou e em plena madrugada escreveu a história em três dias. Ao mostrar o manuscrito para sua esposa ela ficou tão horrorizada com o que leu que queimou os papéis. Após dois meses considerando algumas questões do enredo ele reescreveu a história completa novamente em três dias. O livro representou o primeiro sucesso de vendas de Stevenson não apenas pelo tratamento do tema do Doppelgänger, tão comum na literatura do século XIX, mas também pelo fato de que o público leitor e a crítica estavam intrigados em como o autor de *A ilha do tesouro* (1884), um clássico da literatura infanto-juvenil pôde conceber, apenas dois anos depois, um pesadelo como Dr Jekyll e Mr Hyde. Este fato demonstra que da mesma forma que *Dorian Gray* representou a incorporação das opiniões pessoais e artísticas de Oscar Wilde se constituindo um duplo literário do escritor, a tensão existente entre as personagens Dr Jekyll e Mr Hyde correspondem ao conflito vivido por Robert Louis Stevenson entre os transgressores impulsos pessoais e os rígidos códigos sociais da Era Vitoriana criticados pela literatura Decadentista.

O primeiro elemento que chama a atenção na leitura de *O estranho caso de Dr Jekyll e Mr Hyde* como um livro imbuído de traços comuns à literatura Decadentista é o painel da sociedade Vitoriana apresentado logo na abertura da novela através da personagem do advogado Utterson. Ele é o guia do leitor dentro da história descobrindo passo a passo o mistério que cerca o estranho relacionamento entre o seu amigo e cliente Dr Henry Jekyll e o estranho ser chamado Mr Hyde. A apresentação de Utterson por Stevenson fornece um perfeito modelo da burguesia inglesa de fins do século XIX:

O advogado Utterson era um homem de fisionomia severa, que jamais se iluminava por um sorriso: frio concentrado, de poucas palavras, reservado; magro, alto, parcimonioso e melancólico, porém, de certa maneira, simpático, apesar de tudo. Nas reuniões de amigos, e quando o vinho lhe agradava, brilhava-

lhe no olhar qualquer coisa de extraordinariamente humano; /.../ Austero consigo mesmo, bebia gim quando estava só, a fim de se penitenciar do seu gosto pelo vinho; e, embora adorasse o teatro, havia já vinte anos que não freqüentava nenhum. (STEVENSON, 2004, p. 17)[1]

O retrato que temos do advogado a primeira vista o de um homem contido, sóbrio, reservado, ou seja, a imagem normalmente associada ao povo inglês. Ainda que este estereótipo seja em boa parte uma característica encontrada em habitantes de ilhas (SILVA, 2005, p. 4), foi durante o reinado da rainha Vitória (1837-1900) que estes traços ganharam força graças ao comportamento austero da regente inglesa, o que fomentou o aparecimento de um rígido código de conduta social (Ibidem, p. 224).

No entanto por detrás da aparente solidez da sua austeridade às vezes Utterson deixa revelar “qualquer coisa de extraordinariamente humano”, quando está na companhia de seus amigos e de um bom vinho. Esse inegável conflito vivido pelo homem Vitoriano entre a superfície social e o íntimo apontada por Stevenson dá forma não apenas a literatura da época, mas a todas as esferas de conhecimento do século XIX na Inglaterra. Como ressalta o romancista inglês John Fowles: “O fato de o homem vitoriano ter a mente dividida... é algo que constitui parte essencial da bagagem de qualquer viajante que pretenda explorar o século XIX.” (FOWLES apud BELLEI, 2000, p. 38)

Todavia, ao longo do livro Utterson demonstra ser capaz de conviver com essa dualidade revelando que ele não apenas crê na ideologia da sua sociedade (pois mesmo quando está só ele substitui o vinho que tanto aprecia pelo gim), mas também se coloca como um defensor desta visto ser uma pessoa, “... para quem tudo que fugia à tradição e normalidade era coisa indecente.” (p. 24). Utterson é, portanto, o representante do status quo que guia o leitor mostrando os acontecimentos e as demais personagens através de seus valores sendo a pessoa com quem Henry Jekyll será indiretamente comparada:

A diferença entre Utterson e Jekyll e que Jekyll só beberia gim no lugar de vinhos finos em público. Na privacidade de sua biblioteca, ele é o tipo de homem que seria capaz de beber uma garrafa inteira de um bom vinho do Porto...” (KING, 2003, p.60)

Ao se falar do vinho aliás é importante observar o papel de destaque ocupado por essa bebida ao longo da novela. Aparecendo dentro do Decadentismo como a fonte de produção estética do imaginário do escritor ao lado dos sonhos, dos paraísos artificiais e das drogas (LEVIN, 1996, p.34), o vinho aparece em Dr Jekyll e Mr Hyde como um elemento com o qual as personagens mantêm sempre uma relação ambígua de fascínio e temor pelo potencial transgressor da bebida. Simbolicamente ligado ao divino, ao pecado, à loucura e ao conhecimento, o vinho aparece na cultura greco-romana (ritos Dionisíacos) e nas religiões monoteístas (Judaísmo, Islamismo e Cristianismo) ora como um instrumento de contato com um plano superior, ora como um elemento transgressor que libera o homem das amarras sociais (CHEVALIER, GHEERBRANT, 1997. pp. 956-958). Na história de Stevenson, por exemplo, Utterson evita a bebida quando estava só, talvez por perceber nele mesmo uma possível tendência para o excesso que o levaria a revelar algo mais que um olhar “extraordinariamente humano”.

Todavia, indubitavelmente é na figura do Dr Jekyll e do seu duplo Mr Hyde que percebemos a ligação do vinho com o Dândismo da personagem. Após o assassinato de Sir Danvers Carew por Hyde (capítulo 4), Utterson leva a polícia até o apartamento do criminoso. Neste lugar é revelada a vida de dândi levada por Hyde em suas incursões na noite londrina. Como um típico membro da classe média vitoriana o advogado se espanta com as condições deploráveis do bairro do Soho localizado no oeste de Londres no qual Hyde mantém moradia. O cenário descrito por ele em muito se assemelha com os bairros cariocas pré-Passos e franceses pré-Haussmann de fins do século XIX e começo do XX freqüentados por João do Rio, um dos representantes do Decadentismo brasileiro, e os artistas Decadentistas franceses respectivamente:

O bairro sombrio de Soho distinguia-se /.../ com as suas ruas lamacentas, os seus transeuntes em desalinho, os candeeiros que não se apagavam ou haviam sido acesos outra vez para combater a fúnebre invasão das sombras, tudo isso aos olhos do advogado parecia como um bairro de uma cidade de pesadelo. (p. 37)

A descrição do local continua, focando agora nos estabelecimentos e nos tipos humanos da rua. Chama

a atenção o desabafo de Utterson no final da citação:

Quando a carruagem chegou ao local indicado, o nevoeiro dissipara-se um pouco, mostrando, numa ruela escura, um botequim; um modesto restaurante francês; uma loja de miudezas; muitas crianças esfarrapadas acotovelando-se nos portais; e mulheres de diversas nacionalidades que saíam de chave na mão, para beber o primeiro copo. /.../ Era aqui que residia o protegido de Henry Jekyll, o herdeiro de um quarto de milhão de libras. (p. 37)

É importante aqui mencionar que foi nesta mesma região da Inglaterra que em 1888 aconteceram os crimes relacionados a Jack, o estripador, quando cinco prostitutas foram mortas de forma bárbara (SILVA, 2005, pp. 225- 227). Na época dos crimes o livro *Dr Jekyll e Mr Hyde*, publicado dois anos antes, foi acusado de ter influenciado o assassino. A suspeita de que um médico poderia estar por trás dos crimes do estripador (baseado na dupla personalidade de Henry Jekyll) ajudaram a reforçar esta crença popular.

Apesar de Utterson não falar sobre este ponto, chama a atenção o enorme contraste entre o apartamento de Hyde e a sua vizinhança:

...Hyde ocupava apenas duas divisões, mas mobiliados com luxo e bom gosto. Havia um armário grande cheio de garrafas de vinho; a baixela era de prata, as toalhas e guardanapos, elegantes. Na parede, um quadro valioso, presente (supunha Utterson) de Henry Jekyll, um conhecedor de arte. Os tapetes eram grossos e de cores agradáveis. (p. 38)

Outro detalhe também não comentado pelo advogado é como o quase animalesco Hyde descrito por Utterson poderia habitar um ambiente decorado de forma tão sofisticada, uma decoração que muito lembra os paraísos artificiais de Des Esseintes e Dorian Gray ornados com garrafas de vinho, obras de arte e elegantes utensílios. Este fato permite a leitura da aparência física de Hyde como uma caricatura do dândi consumido pelo seu estilo de vida.

Mas é na descrição da famosa poção transformadora de Dr Jekyll e seus efeitos sobre o cientista que se encontra a relação mais direta do vinho com o Decadentismo. A primeira apresentação da fórmula secreta nos é feita pelo Dr Hastie Lanyon quando este vai ao laboratório de Jekyll recolher os compostos da poção para que o cientista possa reverter a transformação (Capítulo 9). Após recolher os sais e um líquido “cor de sangue” (p. 65) Lanyon entrega os componentes para Hyde. Este prontamente mistura os elementos diante dos olhos do intrigado amigo de Jekyll que observa a bebida que muito lembra o vinho:

A mistura, que a principio era avermelhada, tornou-se, à medida que o pó se dissolvia, mais clara e efervescente, deixando exalar algum vapor. De repente a ebulição cessou, e a composição ficou cor de púrpura, muito escura, desbotando lentamente para um verde-aguado. (p. 68)

Após encontrar o corpo sem vida de Jekyll com a aparência física de Hyde no chão do laboratório, Utterson lê o registro deixado pelo amigo onde no qual todo o mistério da novela é explicado. Na carta Jekyll narra o longo processo de decadência que se iniciou quando ele buscava uma maneira de levar uma vida de dândi sem deixar ao mesmo tempo de ser visto como um respeitado cavaleiro vitoriano. Apesar de longo, o trecho da cena a seguir na qual Jekyll descreve a sua primeira transformação merece ser citado por ser nele que encontramos um perfeito retrato da busca de sensações dos Decadentistas e da *maladie fin de siècle* de Des Esseintes. Atenção à menção do vinho:

Sucederam-se transes da maior angústia: ranger dos ossos, náuseas mortais, e o tormento do espírito que está para nascer ou morrer. /.../ Havia algo de estranho nas minhas sensações, algo de novo e indescritível que, pelo seu ineditismo, era incrivelmente agradável. Senti-me mais novo, mais leve, mais bem disposto, e experimentava, no meu íntimo, uma impetuosa ousadia; desenrolavam-se, na minha fantasia, desordenadas imagens sensuais, vertiginosamente; desfaziam-se os vínculos morais e se mostrava agora uma liberdade da alma que, entretanto, não era inocente. Considerei-me, desde o primeiro sopro da minha nova existência, de ânimo mais perverso, dez vezes mais iníquo, reintegrando

na maldade original; e esse pensamento, naquela hora, prendia-me e deliciava-me como um vinho. (p. 73)

Além do vinho outro elemento Decadentista de destaque em *Dr Jekyll e Mr Hyde* é o da perversão sexual. Aparecendo nas entrelinhas do enredo, como era condizente com o tratamento do tema na sociedade vitoriana na época de Stevenson (SILVA, 2005, p. 225), o desvio sexual das personagens se manifesta em várias formas ao longo da novela, não ficando restrito ao personagem principal. Esse fato pode ser observado no início da narrativa quando o primo de Utterson, Richard Einfield, testemunha Hyde pisoteando uma criança na madrugada de Londres. Sutilmente Stevenson desenha um retrato de um flaneur "...muito conhecido na cidade." (p.18) (o que nos maniqueístas termos vitorianos significa ser um distinto cavaleiro ou um devasso), que "Estava voltando para casa, por volta das três horas de uma manhã de inverno, vindo do extremo da cidade;" (p. 19). Ou seja, se estava flanando de madrugada pelos arredores da cidade Einfield possivelmente estava na boêmia da região das Liberties, os bairros da periferia de Londres onde desde a época da rainha Elizabeth no século XVI se localizam as casas de jogos, as tavernas e, principalmente, os prostíbulo (Ibidem, p. 114).

Como um bom conhecedor das hipocrisias da sua sociedade, Einfield também é o primeiro a apontar a possível natureza da ligação entre Jekyll e Hyde: "Suponho que se trate de chantagem. Um homem honesto que paga um preço muito alto por delito da mocidade." (p. 20). Mas a que tipo de delito Einfield estaria se referindo? O sonho de Utterson na mesma noite da conversa com seu primo é revelador pelo seu conteúdo homoerótico:

...era um quarto numa casa luxuosa, onde o amigo Jekyll dormia, sorrindo no meio do sonho: a porta abria-se, as cortinas da cama eram violentamente arrancadas, o dorminhoco acordava, e, pronto!, ao seu lado estava um vulto possuído de poderes demoníacos; e, àquelas horas mortas, devia ele levantar-se e cumprir determinadas ordens. (p. 25)

A possibilidade de que seu amigo possa estar sendo chantageado por práticas homossexuais da juventude perturba Utterson. Essa suspeita é sustentada pela primeira descrição de Hyde na novela feita por Einfield:

Tinha algo de falso na aparência, muito de desagradável, alguma coisa de profundamente odioso. Nunca vi homem tão antipático, nem sei bem a razão. Parecia ser vítima de alguma deformação: era a sensação que dava, ainda que não possa especificar em que parte do corpo. Uma figura extraordinária, e no entanto não sei precisar de que maneira. (p. 22)

O que incomoda as personagens sobre Hyde por toda a novela é a impossibilidade de descrevê-lo com precisão, ou seja, Hyde transgride o corpo como um espaço definido em um lugar preciso dentro da sociedade vitoriana. Esta característica da transgressão sexual manifestada no corpo físico, algo marcadamente ligado ao Decadentismo, também é observada em Oscar Wilde como comenta Stella Maria Ferreira:

Wilde, corpo fronteiro, cria um espetáculo em seu corpo. Prova que enquanto formos cheios de energia, atravessados por pulsões, somos corpos plurais; impossíveis de serem reduzidos a algo definido ou circunscrito. As inúmeras máscaras com que se vestiu operam uma completa decodificação, uma revolução que confunde os rígidos códigos da sociedade vitoriana. (FERREIRA, 2004, p. 80)

A partir do relato de Einfield, do sonho e do desconhecimento de Lanyon sobre o misterioso amigo de Jekyll, Utterson decide conhecer pessoalmente Hyde para assim tentar "... compreender a estranha preferência ou escravidão (chamem-na como quiserem) do seu amigo Jekyll..." (p. 25-26). Após espreitar Hyde por horas no beco onde seu primo o havia visto, Utterson é recompensado com a aparição de Hyde. Sua descrição é uma das mais marcantes na história por se carregada de simbolismos de cunho sexual:

Hyde era pálido e baixo; dava a impressão de alguma deformidade sem todavia se poder indicar onde, /.../ Deus me perdoe, mas o homem não parece humano! Meio troglodita, eu diria. /.../ Ou será a simples irradiação de uma alma hedionda, que assim transpira, e transfigura, no corpo a que pertence? É o que

me parece, pois, meu pobre Henry Jekyll, se eu jamais vi a marca do diabo estampada na face de um homem, ela está com certeza na do seu novo amigo!” (p. 28)

Várias leituras são possíveis nesta passagem. Mas antes de continuar a análise deste trecho é importante completar a descrição de Hyde com as impressões de ninguém menos que o próprio Jekyll, quando este tem a chance de observar as mãos de Hyde enquanto está com a personalidade (e os valores) de um cavaleiro vitoriano:

As [mãos] de Henry Jekyll – como você, muitas vezes notou – são mãos de intelectual, no tamanho e no feitio: fortes, brancas e firmes. Mas aquelas que eu via agora, /.../ eram secas, nodosas, ossudas, de um tom escuro e sombreadas por uma espessa camada de pêlo. Eram as mãos de Edward Hyde! (p. 77)

O que chama a atenção na descrição das mãos de Hyde é a menção da presença de uma espessa camada de pêlo nelas, um sinal denunciatório na crença popular até os dias de hoje de alguém que incorre na prática da masturbação.

A possibilidade de que Hyde possa ser adepto da masturbação explicaria tanto a sua descrição física quanto o seu comportamento por condizer com as teorias científicas vigentes na Europa do século XIX sobre os efeitos da masturbação sobre o ser humano. Efeitos estes indicados por Utterson na obra como a “... irradiação de uma alma hedionda, que assim transpira, e transfigura, no corpo a que pertence” O eminente psiquiatra Thomas S. Szasz comenta sobre os preconceitos sustentados e divulgados pela classe científica sobre o tema na época de Stevenson:

...A masturbação em particular, pode causar uma variedade de desordens sérias, tanto físicas quanto mentais, entre elas, a consumação, a deterioração da visão, desordens de digestão, a impotência, ... e a insanidade; (SZASZ, 1977, p. 213)[2]

Além da recorrente menção a deformidade de Hyde feita ao longo de todo o livro, Utterson também aponta a aparência de troglodita de Hyde, como se o duplo de Jekyll fosse um estágio menos evolutivo do cientista. Este é um sinal claro da profunda influência que as idéias evolucionistas de Charles Darwin, trazidas a tona com a publicação em 1859 de *A origem das espécies*, alcançaram junto ao imaginário vitoriano. Aliado a isso a menção de que Hyde possui um “tom escuro” de pele também pode ser relacionado ao contato da Inglaterra com outras culturas e raças na sua expansão imperialista que alcançou o seu auge no final do século XIX. Neste processo a propaganda ideológica junto a população britânica imbuía os nativos das regiões dominadas com costumes lascivos e aparências animais (SILVA, 2005, p. 229). O Decadentismo inglês de Stevenson, portanto, passa pelo impacto que as teorias evolucionistas e o Imperialismo exerceram na construção de um ‘Outro’ que se opõe aos valores vitorianos.

A comparação de Hyde a um símio, um pagão selvagem e um praticante de masturbação possui um denominador comum: a luxúria homossexual (SZASZ, 1977, p. 190-211). A partir deste momento ele passa a ser visto como o acólito do arquétipo da alteridade na cultura Ocidental: o diabo. Como assinala Utterson: “... meu pobre Henry Jekyll, se eu jamais vi a marca do diabo estampada na face de um homem, ela está com certeza na do seu novo amigo!”

Após conhecer Hyde e constatar a sua deformidade física e moral (o que na época vitoriana era considerado um efeito da depravação sexual), o advogado conclui que “o fantasma de algum antigo pecado” (p. 29) na forma de Hyde, está assombrando o amigo. Percebe-se nesta passagem também a insegurança do advogado em ser vítima do mesmo mal:

“Pobre Henry Jekyll”, pensava, “tenho o pressentimento de que está em maus lençóis! Quando jovem era estouvado. Certamente já se passaram muitos anos, mas na lei de Cristo não há prescrição. Sim, deve ser isso: o fantasma de algum antigo pecado, o câncer de alguma desgraça oculta; /.../” E Utterson, horrorizado com este pensamento, começou a esquadrihar o próprio passado vasculhando todos os cantos da memória, com medo de que algum pecado antigo surgisse de repente, exigindo expiação. (p. 29)

Presumindo que devido a influência ou ameaça de Hyde, Jekyll voltou a incorrer na prática homossexual, Utterson fala ao mordomo Poole sobre o mal que afringe o cientista: “O seu padrão está sob a influência de uma dessas doenças que ao mesmo tempo torturam e deformam o doente.” (p. 55)

Mas se pela ótica vitoriana Jekyll está sofrendo os males de uma vida desregrada, pelo ponto de vista do Decadentismo ele está vivendo o conflito de tentar, assim como Des Esseintes, excluir da própria vida a convenções e o moralismo da classe burguesa (PORRU, 2002 p.58). Por um lado Jekyll teme as conseqüências que as ações de Hyde possam ter sobre sua imagem social: “Não digo que me preocupe com o destino de Hyde. Descartei-me dele. Penso é na minha própria reputação, que este maldito negócio pode afetar.” (p. 40), por outro lado, Jekyll sente a falta da liberdade oferecida por Hyde: “Eu era o primeiro que, aos olhos do público, exibia uma vida de respeitabilidade e que num momento, como um estudante irresponsável, se despojava dessa hipocrisia e mergulhava, de cabeça, no mar da liberdade.” (p. 76)

O que chama a atenção em Dr Jekyll e Mr Hyde, portanto, é que ao contrário da visão propagada pelas adaptações teatrais e cinematográficas, Jekyll não é totalmente bom ao passo que Hyde seria o seu lado totalmente maligno. Existe um pouco dos dois em cada personagem. Essa dualidade no caráter já estava presente em Jekyll na sua juventude antes mesmo da formulação da poção transformadora:

Já era profunda a duplicidade do meu caráter. Muitos homens teriam confessado com orgulho certos erros. Eu, todavia, tendo em vista os altos propósitos aos quais visava, só podia envergonhar-me dessas irregularidades: ocultava-as, com mórbida sensação de culpa e vergonha. /.../ Ambas as minhas inclinações eram vividas por mim com honestidade. Eu era sempre eu mesmo: quando deixava de lado o constrangimento e mergulhava na ignomínia, e quando mergulhava no trabalho, à luz do dia, pelo avanço dos meus conhecimentos e alívio de dores e tristezas. (p. 71)

Este trecho evidencia que ao contrário de ter desenvolvido suas pesquisas com propósitos voltados primariamente para a humanidade, como o fez outro cientista transgressor da literatura inglesa – Victor Frankenstein, Henry Jekyll buscava única e exclusivamente a satisfação das suas buscas por sensações. Essa diferença da noção de individualismo entre o eu-individual romântico e o eu-individual finissecular Decadentista é constatada por Mauro Porru:

O eu individual dos românticos mantinha um relacionamento orgânico com os outros seres e freqüentemente promovia valores e suscitava ideais ligados a um determinado momento histórico. O intelectual do final do século XIX, ao invés, se coloca à margem da sociedade ou em aberto contraste com ela. Recusa firmemente adquirir determinadas experiências históricas e sociais do seu tempo (PORRU, 2002, p.58).

Percebendo a crescente dificuldade em esconder os seus impulsos de uma sociedade na qual ele “... era não só muito conhecido e altamente considerado, como também caminhava para uma idade respeitável, essa incoerência da minha vida principiava a tornar-se importuna.” (p. 75), Jekyll desenvolve a fórmula secreta para se livrar das amarras sociais. Chamam a atenção neste trecho as marcas das depravações cometidas por Jekyll e manifestadas fisicamente em Hyde:

...esse lado mau – que suponho seja a parte mortal do homem – deixava-me no corpo uma marca de deformidade e degenerescência. E contudo, quando olhava no espelho para essa feia imagem, não sentia nenhuma repugnância, antes um alvoroço prazer. Pois esse era eu também. Portanto, era natural e humano. (p. 74)

Após várias ações cometidas por Hyde, inclusive assassinato, Henry Jekyll se sente dominado pela culpa de viver dividido entre o dândismo e o moralismo vitoriano. As sensações descritas por ele em muito lembram a nevrose de Des Esseintes:

...fui me tornando, muito mais do que julguei humanamente possível, uma criatura devorada e consumida pela febre, debilitada no corpo e no espírito e dominada por um único pensamento: o horror do outro eu. (p. 84)

O declarado tom moralista da novela não poderia oferecer nenhum outro desfecho para Jekyll senão a morte: “Mas tudo tem um fim. Por maior que seja o vaso, acaba sempre por transbordar; e essa breve condescendência para com o lado mau destruiu-me finalmente o equilíbrio da alma.” (p. 81) O cientista então decide se suicidar colocando assim um “ponto final na infeliz vida deste médico infortunado que se chamou Henry Jekyll” (p. 86). Um fim de acordo com o propagado pelas teorias médicas de fins do século XIX sobre a masturbação e o homossexualismo: “A masturbação [e o homossexualismo], /.../ pode ser um caminho do vício, da demência, e até da senilidade; ela leva a melancolia e ao suicídio;” (SZASZ, 1977, p. 215)

Apontado por James Laver em seu ensaio biográfico-crítico de Oscar Wilde como uma das obras que influenciaram o desenvolvimento de O retrato de Dorian Gray ao lado de *À rebours*, de Huysmans e do O retrato Oval, de Edgar Allan Poe (LAVÉ, 1961, p. 61), O estranho caso de Dr Jekyll e Mr Hyde reflete a vida e a obra de Robert Louis Stevenson da mesma forma que o romance de Wilde reflete a do escritor irlandês. Semelhante a Oscar Wilde, que ousou viver como seu personagem pagando o preço por isso, Robert Louis Stevenson manifestou em O estranho caso de Dr Jekyll e Mr Hyde os efeitos que a repressão ideológica da sociedade exercia sobre o indivíduo na Inglaterra vitoriana finissecular. Até o fim de sua vida a mulher de Stevenson se esforçou para que o escritor escocês ficasse conhecido para a posteridade como o autor do clássico de aventura A ilha do tesouro e dos deliciosos relatos de viagem. Stevenson, porém tinha um lado negro, um lado que se manifestou na forma de noites de pesadelos nos quais seus próprios fantasmas de toda uma vida ganharam forma na figura decadente de Mr Hyde.

Conclusão

A literatura Decadentista alcançou sua expressão maior na França a partir de meados do século XIX através da crítica literária, da poesia e da prosa de figuras como Desiré Nisard, Théophile Gautier, Baudelaire, Lorrain e Huysmans. Na Inglaterra Vitoriana, por outro lado, o Decadentismo se fez menos atuante, ainda que sua presença pôde ser sentida na crítica e na poesia de Walter Pater, Dante Gabriel Rossetti e Algernon Charles Swinburne. Mas foi na obra de Oscar Wilde, e em especial no seu único romance O retrato de Dorian Gray, que se convencionou dizer que esta manifestação artística finissecular encontrou sua maior representação no cenário literário inglês (CUDDON, 1992, p.221).

Como este trabalho objetivou demonstrar, a novela de Robert Louis Stevenson O estranho caso de Dr Jekyll e Mr Hyde possui elementos que permitem sua leitura como uma obra Decadentista inglesa. Escrito apenas dois anos depois de *À rebours* a partir dos pesadelos de toda uma vida marcada pelo conflito entre o rígidos e hipócritas códigos sociais vitorianos e um espírito boêmio subjugado pela saúde deteriorada e pelos valores burgueses da época, a narrativa de Stevenson é, nas palavras do romancista inglês John Fowles “o guia por excelência da Era Vitoriana” (FOWLES apud BELLEI, 2000, p.38), dada a sua capacidade de refletir a fragmentação do homo oeconomicus perante as labirínticas questões postadas pelo cenário finissecular. Por esta razão, além de se colocar como um representante da revitalização da literatura gótica em fins do século XIX ao lado de Drácula e do próprio O retrato de Dorian Gray, Dr Jekyll e Mr Hyde também demonstra como o Decadentismo encontrou suas primeiras manifestações na prosa da literatura inglesa vitoriana vindo a se tornar mais uma fonte de influência para Oscar Wilde.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMS, M. H. et al. (ed.). The Victorian age (1830-1901). ---. *The Norton anthology of English literature*. v. 2. 6 ed. New York: W. W. Norton & Company Inc, 1993, pp. 891-910.

BELLEI, Sergio Luiz Prado. Definindo o monstruoso: forma e função histórica. In: ---. *Monstros, índios e canibais: ensaios de crítica literária e cultural*. Florianópolis: Editora Insular, 2000. pp. 11-22.

_____. Questões de geografia e fronteiras II: Drácula viajante. In: ---. *Monstros, índios e canibais: ensaios de crítica literária e cultural*. Florianópolis: Editora Insular, 2000. pp. 35-48.

- BOTTING, Fred. *Gothic*. London: Routledge, 1997. (The New Critical Idiom)
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. Vinho. In: ---. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva. 11 ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1997. pp. 956-958.
- CUDDON, J. A. Decadence. In: ---. *Dictionary of literary terms and literary theory*. 3 ed. London: Penguin Books, 1992. pp. 220-221.
- FERREIRA, Stella Maria. Oscar Wilde: o esteta e os mascaramentos do corpo. In: COUTINHO, Luiz Edmundo Bouças. (Org.). *O labirinto finissecular e as idéias do esteta: ensaios críticos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. pp. 76-83.
- GONZÁLEZ, Antonio Ballesteros. Doppelgänger. In: MULVEY-ROBERTS, Marie. (Ed.). *The handbook to gothic literature*. New York: NY University Press, 1998. p. 264.
- HOGLE, Jerrold E. Robert Louis Stevenson. In: MULVEY-ROBERTS, Marie. (Ed.). *The handbook to gothic literature*. New York: NY University Press, 1998. pp. 220-223.
- KING, Stephen. Histórias do tarô. In: ---. *Dança macabra*. Trad. Louisa Ibanez. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. pp. 46-64.
- LAVÉ, James. Ensaio biográfico-crítico. In: MENDES, Oscar. *Oscar Wilde: obra completa*. Trad. Oscar Mendes. 1ed. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1961. pp.13-37.
- LEVIN, Orna Messer. *As figurações do dândi: um estudo sobre a obra de João do Rio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- PORRU, Mauro. Prefácios do imaginário decadentista. In: COUTINHO, Luiz Edmundo Bouças. (Org.). *Arte e artifício: manobras de fim-de-século*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. pp. 57-68.
- SGARBOSSA, Eliseu. O autor e sua obra. In: STEVENSON, Robert Louis. *O médico e o monstro*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004. pp.115-125.
- SILVA, Alexander Meireles da. *Literatura inglesa para brasileiros: curso completo de cultura e literatura inglesa para estudantes brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2005.
- STEVENSON, Robert Louis. *O médico e o monstro*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.
- STODDART, Helen. The Demonic. In: MULVEY-ROBERTS, Marie. (Ed.). *The handbook to gothic literature*. New York: NY University Press, 1998. pp. 43-45.
- SZASZ, Thomas S. The new product – masturbatory insanity. In: ---. *The manufacture of madness*. London: Paladin Books, 1977. pp. 211-236.
- _____. The product conversion – from heresy to illness. In: ---. *The manufacture of madness*. London: Paladin Books, 1977. pp. 190-209.
- Alexander Meireles da Silva. Doutorando em Literatura Comparada (UFRJ). Mestre em Literaturas de Língua Inglesa (UERJ). Professor de Língua Inglesa e Literaturas Correspondentes da UNIABEU, UNESA, FEUDUC e ISAT (Instituto Superior Anísio Teixeira). Autor do livro *Literatura Inglesa para Brasileiros: curso completo de literatura e cultura inglesa para alunos brasileiros* (Editora Ciência Moderna, 2005).
- Home-page:** www.alexmeireles.pop.com.br.
E-mail: alexmeireles@pop.com.br.